



Pedro Rafael Rocha Chaves

# Relatório de Estágio Desenvolvido no Colégio Salesianos de Mogofores Junto da Turma B do 8<sup>o</sup> Ano no ano letivo de 2015/2016

Relatório de Estágio orientado pela Professora Doutora Elsa Silva apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensino Básico e Secundário

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Pedro Rafael Rocha Chaves  
Nº 2010137271

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DESENVOLVIDO NO COLÉGIO SALESIANO DE  
MOGOFORES JUNTO DA TURMA B DO 8º ANO NO ANO LETIVO DE 2015/2016

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade  
de Ciências do Desporto e Educação Física da  
Universidade de Coimbra com vista à  
obtenção do grau de mestre em Ensino da  
Educação Física nos Ensino Básico e  
Secundário.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Elsa Silva**

COIMBRA

2017

**Esta obra deve ser citada como:** Chaves, P. (2017). *Relatório De Estágio Desenvolvido No Colégio Salesiano De Mogofores Junto Da Turma B Do 8º Ano No Ano Letivo De 2015/2016*. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

## **COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE DO DOCUMENTO**

Pedro Rafael Rocha Chaves, aluno nº2010137271 do MEEFEBS da FCDEF-UC, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no art. 30.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF (versão de 10 de março de 2009).

Coimbra, 15 de junho de 2017

---

(Pedro Chaves)

## AGRADECIMENTOS

Prestes a concluir uma das etapas acadêmicas mais enriquecedoras que tive, quero agora agradecer a todos os que a tornaram possível.

Em primeiro aos meus pais, José e Paula Chaves pelo apoio incondicional, pelos momentos de desabafo, por nunca deixarem que algo me faltasse e por serem a minha inspiração quer como pessoa, quer como profissional.

Agradeço à Rita Chaves, minha irmã e melhor amiga, por me ajudar sempre que possível, mostrando-se sempre disponível para mim, estando longe ou perto.

Aos meus avós e a toda a minha restante família pela constante preocupação e incentivo.

A todos os meus amigos por não me deixarem esquecer os meus objetivos e por não me deixarem desistir.

A toda a família Silver Coast por todo o incentivo à conclusão desta etapa, em especial aos meus colegas de trabalho pelo suporte e flexibilidade para com as minhas ausências.

Ao meu colega de estágio e amigo Vitor Santos por todos os momentos de partilha e pelo espírito de ajuda, sendo o melhor companheiro que podia pedir para esta aventura.

Ao professor Diogo Simões pela sua postura exemplar, presença constante, transmissão de conhecimentos, compreensão nos momentos mais difíceis e especialmente por nunca desistir de mim.

À Prof.<sup>a</sup> Doutora Elsa Silva por toda a orientação, pelos desafios apresentados e pelas sugestões pertinentes.

À professora Emília Amado pela oportunidade de assessoria à direção de turma, pela preocupação e conselhos.

Às turmas do 8ºB e 9ºA por todos os desafios criados, pelas experiências vividas, por me possibilitarem momentos de superação e por acreditarem em mim.

Por último, mas não menos importante, a toda a comunidade do Colégio Salesiano de Mogofores por tão bem me acolherem, por nunca deixarem que algo faltasse de modo a obter a melhor experiência possível, pela oportunidade oferecida e por me fazerem acreditar num ensino de qualidade baseado no gosto por ensinar e educar.

Muito obrigado a todos!

## RESUMO

A redação deste Relatório de Estágio Pedagógico está inserida na unidade curricular Relatório de Estágio, pertencente ao 4º semestre do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Aqui encontram-se a informação e a reflexão relativa ao Estágio Pedagógico desenvolvido junto da turma do 8ºB do Colégio Salesiano de Mogofores durante o ano letivo de 2015/2016.

Este documento está dividido em três capítulos, I - Contextualização da Prática Desenvolvida; II – Análise Reflexiva sobre a Prática Pedagógica e III – Aprofundamento do Tema-Problema. Sendo no primeiro apresentadas as expectativas iniciais face ao que se esperava deste Estágio Pedagógico, o Projeto Formativo, a caracterização da escola, do grupo de educação física, e da turma sobre a qual mais se incidiu este estágio. No segundo capítulo foi feita uma descrição, justificação e reflexão sobre as opções tomadas assim como enumeradas algumas das experiências vividas. Por último, no aprofundamento do tema-problema, apresentámos a utilidade da utilização de um estudo sociométrico na melhoria das dimensões clima e disciplina no contexto em que nos inseríamos, assim como as suas implicações e vantagens.

**Palavras-chave:** Educação Física; Estágio Pedagógico; Teste Sociométrico; Formação de Grupos.

## **ABSTRACT**

The writing of this Report of Teacher Training is inserted in the Course Teacher Training, belonging to the 4th semester of the Master's Degree in Physical Education Teaching in Basic and Secondary Education. Here you will find information and thoughts on the Teacher Training developed with the group of 8°B of the Colegio Salesiano de Mogofores during the academic year 2015/2016.

This document is divided into three chapters, I - Contextualization of the Developed Practice; II - Reflective Analysis on Pedagogical Practice and III - Development of the Problem-Theme. In the first one, the initial expectations are presented regarding to what was expected of this Teacher Training, the Formation Plan, the characterization of the school, the physical education group, and the class that was the focus of this Teacher Training. In the second chapter there is made a description, justification and reflection on the options taken as well as enumerated some of the experiences. Finally, in the Development of the Problem-Theme we present the usefulness of the use of a sociometric study in the improvement of the dimensions of climate and discipline in the context in which we were inserted, as well as their implications and advantages.

**Keywords:** Physical Education; Teacher Training; Sociometric Test; Groups Formation.



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CSM – Colégio Salesiano de Mogofores

EP – Estágio Pedagógico

MEEFEBS – Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

NEEF – Núcleo de Estágio de Educação Física

UD – Unidade(s) didática(s)

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

# Índice

Introdução.....	1
Capítulo I – Contextualização da Prática Desenvolvida .....	1
<b>Expectativas e Opções iniciais em relação ao Estágio Pedagógico</b> .....	1
<b>Projeto Formativo – Plano de Formação Individual</b> .....	2
Dificuldades .....	2
Objetivos de Aperfeiçoamento/Aprendizagens a Realizar .....	4
Estratégias de supervisão / formação previstas.....	5
Caracterização das Condições Locais e da Relação Educativa .....	6
<b>Caracterização da Escola</b> .....	6
<b>Caracterização do Grupo de Educação Física</b> .....	7
<b>Caracterização da Turma</b> .....	7
Capítulo II – Análise Reflexiva sobre a Prática Pedagógica .....	8
<b>Atividades de ensino-aprendizagem desenvolvidas</b> .....	8
Planeamento .....	8
Realização.....	14
<b>Atitude Ético-Profissional</b> .....	21
Capítulo III – Aprofundamento do Tema – Problema .....	23
<b>Introdução</b> .....	23
<b>Pertinência do Estudo</b> .....	23
<b>Enquadramento Teórico</b> .....	24
<b>Contribuição do estudo</b> .....	26
<b>Metodologia</b> .....	26
<b>Amostra</b> .....	27
Procedimentos de recolha de dados.....	27
Tratamento de dados .....	28
<b>Análise dos Resultados</b> .....	28
Tabela de Cruzamento de Preferências e Rejeições .....	28

<b>Discussão dos Resultados e Implicações Práticas</b> .....	30
<b>Limitações do Estudo</b> .....	32
<b>Recomendações</b> .....	32
<b>Conclusões</b> .....	32
Conclusão .....	33
Referências Bibliográficas.....	34
Anexos .....	36

## **Introdução**

O presente Relatório de Estágio foi produzido no âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico com base no Estágio Pedagógico (EP) realizado no Colégio Salesiano de Mogofores, junto da turma do 8ºB, no ano letivo de 2015/2016. A orientação do EP esteve a cargo do Dr. Diogo Simões e a da Prof.<sup>a</sup> Doutora Elsa Silva.

Cortesão (2010) citando Sousa (2004) diz que “*ser professor de Educação Física consiste em assumir um conjunto complexo de funções, saberes, saber-fazer e valores que exigem formação científica, formação profissional e formação para a cidadania, não apenas no início como ao longo de toda a vida*”.

Foi este esquema de pensamento que serviu de base para o EP do qual este documento serve como reflexão e exposição. Aqui será analisada toda a caminhada realizada, passando pelo planeamento, a realização e a avaliação, assim como processos e implicações de ser professor.

O Colégio salesiano de Mogofores (CSM) defende que o bem-estar constante, a harmonia entre atores e o trabalho em grupo são maximizadores de aprendizagem. Com base neste pensamento foi tomado como tema de aprofundamento a utilização dos testes sociométricos, de modo a melhorar o clima de aula e a reduzir incidentes que possam prejudicar a construção de um ambiente propício à aprendizagem.

Em suma, serve este documento para refletir e relatar a enriquecedora experiência e os conhecimentos obtidos durante o estágio pedagógico desenvolvido ao longo deste ano letivo.

## **Capítulo I – Contextualização da Prática Desenvolvida**

### **Expectativas e Opções iniciais em relação ao Estágio Pedagógico**

Desde o início do Estágio Pedagógico que houve a intenção de usar ao máximo a partilha de todos os meus conhecimentos e experiências, através de estratégias pedagógicas que levassem ao sucesso e realização dos alunos, quer a nível académico quer a nível pessoal e social.

Tínhamos como propósito contribuir para o desenvolvimento e realização do projeto educativo da escola, assim como, ser um agente ativo e promotor de atividades

curriculares e extracurriculares de maneira a maximizar o envolvimento dos alunos na comunidade escolar e o seu gosto pela Escola.

Sendo esta a primeira experiência de docência, seria expectável o surgimento de algumas dificuldades que trabalharia para ultrapassar com dedicação, humildade e pesquisa. Considerámos essas dificuldades como oportunidades de investigação, aprendizagem e superação que esperava me viessem a tornar num melhor profissional. Apresentámo-nos neste estágio com a esperança de suprimir algumas possíveis lacunas de conhecimento que existiam, contando para isso com ajuda de outros docentes mais experientes dispostos a partilhar o seu conhecimento e experiência. Sabíamos que ser bom professor exigiria da nossa parte formação contínua de modo a superar os diferentes obstáculos que me fossem sendo apresentados.

Através da nossa experiência como aluno sempre considerámos que um bom ambiente escolar é de extrema importância para todo o processo de ensino-aprendizagem, permitindo assim um bem-estar de toda a comunidade escolar. Acreditámos que é possível conciliar a aprendizagem cultivando laços entre alunos e professores e promovendo uma boa integração de todos. Esperávamos também, que a aplicação dos conhecimentos académicos adquiridos até ao momento fosse feita de forma adequada e eficaz.

## **Projeto Formativo – Plano de Formação Individual**

### Dificuldades

#### *Planeamento*

Relativamente ao trabalho a desenvolver, houve por vezes no início do estágio, dificuldade em planear as Unidades Didáticas e as aulas. No caso das Unidades Didáticas, criar a tabela de Sequência e Extensão de conteúdos foi o maior desafio para nós. Devido à falta de experiência por vezes foi-nos difícil distribuir de forma exequível os conteúdos a abordar em cada aula, o tempo a ser dedicado a cada um e qual a melhor altura para inserir novos conteúdos.

Para o planeamento da aula, a seleção de exercícios correspondente ao nível dos alunos, o tempo a atribuir a cada um e a respetiva explicação, foram os nossos maiores desafios. Também por inexperiência foram utilizados mais vezes no início os estilos de ensino por comando e tarefas.

### Contexto de Aula

Em relação ao contexto de aula, relativamente ao Clima / Disciplina por vezes, foi complicado lidarmos com a turma. Os alunos da turma demonstraram alguma dificuldade em se relacionar entre eles e também alguma dificuldade em cumprir regras. Assim, por vezes, foi necessário focarmos um pouco mais nestes aspetos comportamentais e menos nos conteúdos em si. Acreditando que ao melhorar estes aspetos fosse possível formar melhores pessoas e alunos, aumentando então o foco nos conteúdos. Aconteceu também por vezes, no princípio do ano letivo, haver uma explicação pouco explícita de alguns exercícios ou os alunos se encontrarem pouco concentrados e por isso ser necessário mais tempo, repetindo mais que uma vez as instruções dadas.

Há ainda a referir a dificuldade sentida na gestão do tempo total da aula, assim como, no tempo de realização de algumas tarefas de acordo com o que tinha sido previamente planeado. Esta dificuldade em parte devida às características da turma, referidas anteriormente, e também à ainda pouca experiência em planeamento.

Neste sentido, após uma reflexão, sentimos a necessidade de ajustamento e de se proceder por várias vezes a alterações quer na seleção dos exercícios, quer na ordem da concretização dos mesmos. No entanto foi sempre tido em consideração os objetivos e as características dos alunos.

### Avaliação

A criação de grelhas de avaliação que fossem um instrumento simples no seu preenchimento e o mais objetiva possível, a criação de critérios de avaliação e a observação do nível de todos os alunos durante os momentos de avaliação foram sendo, ao longo do ano, situações também elas desafiantes e que exigiram de nós muita reflexão.

Inicialmente existiu alguma dificuldade em retirar o máximo de cada uma das modalidades de avaliação (diagnóstica, formativa, sumativa) tendo sido complicado obter todas as informações e registá-las. Foi igualmente desafiante definirmos os critérios de avaliação e o seu modo de aplicação para cada Unidade Didática, levando isto a que a atribuição de um nível fosse demorada.

## Objetivos de Aperfeiçoamento/Aprendizagens a Realizar

### Planeamento

Tendo em conta as dificuldades sentidas por nós no início do ano e de modo a suprimi-las propusemo-nos a investigar, observar e conhecer melhor as capacidades, interesses e dificuldades da turma, definindo após reflexão, quais os objetivos para a turma e o planeamento a fazer.

Em relação às Unidades Didáticas, aumentar a pesquisa de ferramentas, métodos de motivação e controlo da turma tornou-se uma prioridade. Segundo Bento (1987, p.65) a UD serve de “*base para a preparação das diferentes aulas*”. Bento (1987, p.68) refere também que a UD nos permite ainda “*traçar com clareza o perfil didático característico de cada aula, ou seja, a sua principal função didática*”. Com a Unidade Didática mais cuidada também há mais facilidade na elaboração dos planos de aula e, por sua vez, uma aula mais enriquecedora e estimulante, promovendo aprendizagens mais significativas.

Foi também preocupação nossa conseguir melhorar a perceção de adequação dos exercícios selecionados ao nível dos alunos, assim como, o grau de eficácia de cada exercício. A observação/reflexão sobre a prática permitiu que se elaborasse um planeamento mais estruturado e mais adequado ao grupo de alunos, e assim, também conseguir melhorar a qualidade das aprendizagens e a dinâmica geral da aula.

### Contexto de aula

Para uma melhor dinâmica das aulas, tentámos usar explicações mais simples e concisas, tudo o que não fosse essencial e necessário deveria ser retirado. Tentámos também fazer com que as transições entre os exercícios fossem mais fluidas de modo aproveitar melhor o tempo para evitar a perda de concentração e interesse dos alunos. Objetivámos também proporcionar aulas mais dinâmicas, ajustando posturas de modo a serem mais ativas e transmitir energia e motivação aos alunos, criando situações desafiadoras, encorajando os alunos e promovendo a sua autoestima.

O receio inicial de alterar o que tinha sido previamente planeado, foi-se esbatendo aos poucos, e as decisões de ajustamento passaram a ser tomadas mais rapidamente, sempre de modo a atingir os objetivos propostos para a aula e para a UD.

## Avaliações

Relativamente à avaliação diagnóstica procurámos usar métodos que simplificassem o registo e a observação. Foram prioridade a construção de grelhas mais simples, assim como uma melhor escolha de exercícios que permitissem fazer uma primeira observação e atribuição de níveis aos alunos.

Foi também preocupação nossa, fazer uma boa avaliação formativa, mais pormenorizada através de um maior registo de situações que auxiliasse também, posteriormente, a realização da avaliação sumativa.

Na avaliação formativa foi tido como objetivo a construção de melhores referências e tentar observar o máximo possível de modo a conseguir saber as capacidades e o desenvolvimento do aluno ao longo das Unidades Didáticas.

Na avaliação sumativa, teve-se como propósito tentar melhorar as capacidades de observação através de uma melhor interiorização dos critérios de avaliação e do que realmente se pretendia observar. Refletir previamente, com ajuda da avaliação formativa, no que cada aluno seria capaz de fazer, de modo a utilizar o momento final de avaliação como comprovativo das avaliações pensadas previamente e assim agilizar todo o processo de registo e avaliação.

## Estratégias de supervisão / formação previstas

De modo a colmatar eventuais falhas foram promovidas pelo Dr. Diogo Simões formações sobre algumas das Unidades Didáticas a abordar. Estas formações permitiram-nos, conhecer diferentes estratégias de ensino, assim como, conhecer de antemão algumas dificuldades que habitualmente são apresentadas pelos alunos, esclarecendo também algumas dúvidas quer a nível prático, quer a nível teórico. É de ressaltar a importância destas ações, pois a partilha de informação e o trabalho em equipa são um meio importante de autoformação com benefícios para a educação dos alunos.

Relativamente ao plano de aula foi-nos solicitado que fosse entregue com vinte e quatro horas de antecedência de modo a que pudesse ser revisto pelo Dr. Diogo Simões e se necessário, após reflexão, fazer pequenas alterações. Após o término de cada aula, era feita uma análise da mesma entre os professores estagiários e o professor orientador, de modo a que houvesse uma tomada de consciência sobre os pontos negativos e



positivos, para que na aula seguinte os pontos negativos pudessem ser corrigidos e os positivos potencializados.

No que diz respeito às avaliações foram fornecidas pelo Dr. Diogo Simões algumas sugestões em relação à elaboração e preenchimento das tabelas de registo das avaliações de modo a objetivar a observação.

No que concerne às avaliações finais de período o orientador propôs, à semelhança do sucedido nas avaliações intercalares, a execução de uma reunião de núcleo onde foi indicado o modo como se iria processar a reunião de avaliação.

Foram-nos também dadas indicações de como preencher as tabelas utilizadas pela escola para a atribuição das avaliações intercalares e finais e proposta a criação de pequenos comentários sobre o percurso de cada aluno.

Análise e reflexão são conceitos de extrema importância em educação, pois são a base para um planeamento adequado e uma avaliação mais objetiva. Estes dois conceitos estiveram claramente presentes durante todo o estágio.

## Caracterização das Condições Locais e da Relação Educativa

### **Caracterização da Escola**

A escola selecionada pelos elementos do Núcleo de Estágio de Educação Física para realizar o Estágio Pedagógico foi o Colégio Salesianos de Mogofores. O colégio está situado na União das Freguesias de Arcos e Mogofores, no Concelho de Anadia, distrito de Aveiro. Nesta localidade residem cerca de oitocentos e vinte cidadãos, sendo na sua maioria idosos e agricultores, com um número reduzido na faixa infantojuvenil.

Analisando a cultura e os equipamentos sociais existentes no Concelho de Anadia verificamos que esta é uma zona bastante ligada ao desporto, onde existem courts de ténis, campos de futebol sintético (um campo de 7 e um campo de 11), pavilhão polidesportivo, um complexo de piscinas, havendo ainda o complexo desportivo de Anadia e o Velódromo Nacional onde está a sede do Centro de Alto Rendimento de Sangalhos.

O Colégio Salesiano de Mogofores é no momento um colégio particular e cooperativo com paralelismo pedagógico, propriedade da Província Portuguesa da Sociedade Salesiana. Ministra ensino gratuito de frequência mista para o 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico.

Neste ano letivo de 2015-2016 tem à sua responsabilidade a educação de duzentos e trinta e seis estudantes em idade de escolaridade obrigatória. São apoiados por vinte e dois professores, por oito auxiliares e uma psicóloga.

O projeto educativo do colégio tem como objetivo principal formar “Bons Cristãos e Honestos Cidadãos”, aplicando a trilogia preventiva salesiana: razão, religião e coração.

O edifício está num bom estado de conservação, tendo equipamento adequado às necessidades, com um número de salas de aula suficientes para o número de aprendentes que as frequentam, estando todas elas equipadas com um quadro interativo. Em todas as salas há um computador com ligação à internet e à rede local.

### **Caracterização do Grupo de Educação Física**

O Grupo de Educação Física é constituído por dois professores de Educação Física – Dr. Diogo Simões e Dr<sup>a</sup>. Ana Petra Santos - e dois professores estagiários – Pedro Chaves e Vítor Santos. O grupo funcionou de forma harmoniosa desde o início do ano letivo e trabalhou dinamicamente tendo sempre em conta a opinião e as ideias de todos os seus constituintes. Os dois docentes do colégio receberam os professores estagiários da melhor maneira, prestando apoio em tudo o que foi necessário desde o primeiro momento, revelando total disponibilidade para prestar todo o tipo de auxílio e transmitir o máximo de conhecimento e experiência possíveis.

Os professores estagiários tiveram, ao longo do ano, uma boa relação, mostrando vontade em colaborar de modo a superar as dificuldades em conjunto e revelando sempre boa disposição e disponibilidade. A existência de apenas dois estagiários no núcleo de estágio previa desde logo uma necessidade extra de colaboração, colaboração essa que foi conseguida também com a ajuda do Grupo de Educação Física.

### **Caracterização da Turma**

Ao longo deste estágio tive contacto mais próximo com duas turmas, a turma do 9ºA e a turma do 8ºB. Apenas acompanhei o 9ºA durante as primeiras semanas de aulas, pois com a desistência de uma colega estagiária foi feita uma troca de turmas, cabendo-me acompanhar o 8ºB durante o resto do ano. Este relatório tem por base o trabalho desenvolvido junto da turma do 8ºB uma vez que o tempo que lecionei ao 9ºA foi escasso.

A turma do 8ºB era constituída por vinte alunos, doze são do sexo masculino e oito do sexo feminino, tendo idades compreendidas entre os treze e os dezasseis anos. Foi referido, na reunião de início de ano, que alguns dos alunos eram tidos como alunos problemáticos e que existia pouco controlo por parte dos seus encarregados de educação, pois em onze dos alunos, o pai ou a mãe não coabitam na mesma casa que o aluno, tendo pouco apoio em casa. Dos onze, há ainda a referir que um vive numa instituição e outro vive com a avó, que além da idade avançada tem alguns problemas de saúde, sendo este último o aluno com maior desinteresse e falta de disciplina na turma. Segundo Oliveira (2001) *“A família, primeiro modelo dos nossos jovens, é um elemento fundamental para entender o carácter peculiar dos jovens com problemas de indisciplina”* e aponta *“A desagregação da família e dos valores tradicionais, a ausência de um dos progenitores ou a falta de atenção”* como sendo um fator de risco para a indisciplina. A nível comportamental foi a isto que assistimos, sendo esta uma turma complexa e com vários elementos desestabilizadores da aula. Foi possível verificar ao longo do ano que os alunos com maior indisciplina e falta de motivação tinham instabilidade familiar, não tendo alguém que lhes desse o acompanhamento e a atenção necessária, tendo vários alunos já reprovado pelo menos uma vez no seu percurso académico.

## Capítulo II – Análise Reflexiva sobre a Prática Pedagógica

### **Atividades de ensino-aprendizagem desenvolvidas**

#### Planeamento

Segundo Bento (1987), *“Na planificação, são determinados e concretizados os objectivos mais importantes da formação e educação da personalidade, são apresentadas as estruturas coordenadoras de objetivos e matéria, são prescritas linhas estratégicas para a organização do processo pedagógico.”*

Piéron (1988) distingue três níveis de referência temporal, Plano Anual (longo prazo), unidade didáticas (médio prazo) e plano de aula (curto prazo). Refere ainda Piéron (1988) que independentemente do prazo, toda a programação deve ter uma definição de objetivos específicos, assim como, definição das atividades a desempenhar para atingir esses objetivos e uma avaliação de modo a saber se os objetivos foram atingidos.

O planeamento é tido como uma base para todo o processo de ensino-aprendizagem a executar ao longo de uma aula, uma unidade didática ou um ano e liga os objetivos ao modo como serão alcançados. Requer capacidades de previsão, reflexão e adequação de modo a criar um fio condutor à ação executada pelo professor que lhe permita guiar os alunos aos objetivos propostos.

Os documentos de planeamento devem ser abertos e possíveis de alterar ao longo do processo de aplicação, pois como sugere Bento (1987, p.15) “ *O ensino é criado duas vezes: primeiro na concepção e depois na realidade.*”

### Plano Anual

Para Bento (1987, P.52) “*É um plano de perspectiva global que procura situar e concretizar o programa de ensino*” deixando “*os detalhes e demais medidas didáctico-metodológicas*” para as UD e planos de aula.

A sua construção depende, segundo Pierón (1988, p.44), de fatores como as instruções pedagógicas presentes nos programas oficiais, o número de horas disponíveis, as condições materiais e o tipo de avaliação exigido pelas autoridades pedagógicas. Tudo isto deverá ser pensado sem nunca esquecer as particularidades da turma, devendo assim ser utilizada toda a informação disponível sobre os alunos.

A produção deste documento foi uma das preocupações iniciais, no entanto a sua elaboração foi simplificada devido ao facto do CSM ter já um modo definido de planear o ano, sendo apenas necessário proceder à atualização e adequação de alguns parâmetros.

A primeira caracterização da turma foi feita pela sua diretora de turma e disponibilizada logo na primeira reunião do conselho de turma, vindo no entanto a ser atualizada após o preenchimento das fichas biográficas por parte dos alunos.

Com o perfil inicial da turma traçado, foram definidas as UD a abordar e criados os objetivos para os diversos domínios (Cognitivo, Psicomotor e Sócio Afetivo), tendo para isso como base o PNEF e os recursos disponíveis no CSM.

Com as UD definidas e os objetivos traçados foi feita a distribuição das UD a longo do ano, assim como o ordenamento das cargas horárias. Esta tarefa foi simplificada pois não existe a necessidade de partilhar espaços ou materiais, tendo assim maior liberdade no planeamento e distribuição das UD.

Neste documento está também incluído o Plano Anual de Atividades, onde estão os projetos a desenvolver ao longo do ano letivo. Este Plano Anual de Atividades tem um papel preponderante no CSM e como tal na elaboração do Plano Anual, pois com a ideia de colocar aos alunos “um fim em mente”, é proposto no fim de cada UD, a participação num evento desportivo, organizado pelo colégio, de modo a finalizar essa UD e dar a conhecer à comunidade educativa o trabalho desenvolvido.

Através da utilização da avaliação diagnóstica e formativa, este documento pode sofrer pequenas alterações de modo a que os objetivos sejam conseguidos.

### Unidades Didáticas

As UD são consideradas por Bento (1987) como “*fundamentais*” e vai servir como fio condutor para o subsequente planeamento dos planos de aula. O mesmo autor diz ainda que “*em torno da unidade temática decorre a maior parte da actividade de planeamento e de docência do professor.*”

Este documento deve ser rigoroso e tão específico quanto possível, no entanto deve ser de fácil e simples consulta. Foi criado no princípio do ano letivo um modelo que foi utilizado durante o resto do ano, de modo a tornar mais rápida a sua consulta e utilização. No modelo base de UD figurava uma breve descrição da história da modalidade; qual a sua importância no contexto escolar; as regras e objetivos da modalidade; os recursos que era possível utilizar (materiais, humanos, espaciais e temporais); descrição dos objetivos gerais e específicos que se pretendiam atingir com aquela modalidade e conforme o PNEF; os gestos técnicos assim como as suas componentes críticas, erros mais comuns e algumas progressões; Estratégias relativas à abordagem da UD (modo de instrução, gestão de tempo, transmissão de *feedback*, estilos de ensino prioritários etc.); regras de segurança; tabela de extensão e sequência de conteúdos e por fim o modo como seria feita a avaliação incluindo parâmetros e percentagens.

As UD foram produzidas tendo sempre em conta que, tal como o Plano Anual, não são documentos fechados e estão sujeitos a alterações mediante a prestação e desenvolvimento dos alunos. Assim, ao longo deste estágio procedeu-se por vezes a alterações nas UD, quer por iniciativa própria quer por decisão do grupo de educação física, alargando a carga horária de algumas UD.

Pierón (1996 p.33), falando da planificação e dos objetivos, refere que “*Eles deverão ter em conta o nível dos alunos*”. Tendo esta afirmação presente, para a criação das UD foi sempre tido como base uma avaliação diagnóstica, indicadora do nível inicial dos alunos e que nos permitiu fazer alguns prognósticos sobre os objetivos exequíveis para a turma. Com esta avaliação inicial foi criada uma tabela de extensão e sequência de conteúdos tendo em conta as capacidades dos alunos e tentando maximizar a sua evolução conforme o tempo disponível.

A tabela de extensão e sequência de conteúdos tinha então, de forma prática e de fácil observação, os Objetivos Específicos, a Função Didática, os Conteúdos a abordar, a Avaliação a realizar e o Tempo de cada aula.

Foi decidido no Plano Anual utilizar a seguinte sequência de unidades didáticas: 1-Ginástica de Solo; 2- Andebol; 3- Atividades Rítmicas e Expressivas; 4- Atletismo; 5- Basquetebol; 6- Tag Rugby; 7- Ginástica de Aparelhos; 8- Futsal; 9- Voleibol; 10- Desportos de Raquetas e 11- Ginástica Acrobática. A estas somam-se ainda, Capacidades Físicas, dividida pelo início dos dois primeiros períodos e Atletismo que foi dividida pelos três períodos letivos.

No final de cada UD foi feito um balanço da mesma tendo em vista fazer uma análise à sua aplicação e de modo a refletir sobre as estratégias de ensino utilizadas, servindo também para fazer sugestões para uma futura abordagem.

Foi tido em conta o contexto e a realidade em que o CSM se insere, assim como os meios e métodos de ensino preconizados no plano educativo do colégio e que seguiram de orientação durante todo o estágio. Como tal ao longo das UD, uma estratégia que se manteve constante e se destacou, foi a utilização do ensino cooperativo. Seguindo o modo de ensino descrito como Rotina 3, em que “ *O confronto de ideias serve para testar e enriquecer a aprendizagem*”. De modo a maximizar a esta aprendizagem, houve ao longo das UD uma contante alteração entre a utilização de grupos homogéneos e heterogéneos numa tentativa de elevar os níveis de motivação e aprendizagens em todos os alunos.

### Quinzenas

No início do ano letivo, de modo a melhor planear e sequenciar as suas aprendizagens, são fornecidas aos alunos as Rotas de Aprendizagem. Este documento divide-se em várias unidades de ensino e identifica quais os objetivos de aprendizagem de cada disciplina ao longo do ano. Através das Rotas de Aprendizagem são criados os Projetos Individuais Quinzenais de Aprendizagem (PIQA) que são distribuições

quinzenais dos conteúdos a abordar e das tarefas a desenvolver. Da elaboração dos PIQAS são criados os T15, que são tarefas ou exercícios completos que os alunos deveriam realizar, e que visam uma melhor experiência de aprendizagem permitindo aos alunos exercitar e aprofundar conhecimentos mesmo fora do horário letivo.

O envio destes documentos aos encarregados de educação e alunos permite-lhes que consigam mais facilmente situar-se nos conteúdos que estão a ser abordados em cada disciplina, permitindo também uma melhor organização do estudo, acompanhamento por parte dos encarregados de educação e até a possibilidade de explorar um tema antes mesmo de este ser abordado.

No caso concreto da Educação Física, de modo geral, é abordada uma modalidade diferente em cada quinzena, levando a um maior número de modalidades abordadas ao longo do ano. Este modo de rotação é tido em conta na construção do planeamento anual e de ciclo. Ainda que mudando de modalidade a cada quinzena, no final do ciclo o número de horas de contacto com a modalidade é o mesmo que o das restantes escolas. Esta distribuição permite também que os alunos estejam todos os anos em contacto com a modalidade, evitando que se esqueçam da mesma. Com esta rotação conseguimos também oferecer aos alunos uma maior experiência em termos de variedade de modalidades ao longo do ano letivo, sendo abordadas cerca de doze modalidades diferentes, evitando que desmotivem por abordar uma modalidade durante demasiado tempo.

No planeamento das UD é tido em conta o nível apresentado pelos alunos no início da mesma, sendo possível, em caso de necessidade, estender o período de lecionação de uma modalidade de modo a suprimir possíveis dificuldades da turma.

### Plano de Aula

A criação de um plano de aula é necessária de modo a que a aula seja mais organizada e objetiva, na medida em que vários cenários obstrutores à aquisição de conhecimento por parte dos alunos sejam eliminados e a transmissão de conteúdos esteja alinhada com o previamente estipulado no Plano Anual e na Unidade Didática. *“A aula é realmente o verdadeiro ponto de convergência do pensamento e da ação do professor”* (Bento, 1987).

Esta ferramenta é essencial para uma mais fácil condução da aula, no entanto, apenas servirá como base para a mesma, podendo ser modificado o que foi planejado conforme o decorrer da aula.

No começo do ano letivo foi criado e adotado pelo NEEF um modelo de plano de aula que julgamos ser uma ferramenta completa, em que continha toda a informação necessária à aula, mas de simples observação e utilização.

Assim, no cabeçalho encontraram-se informações relativas à Turma; ao Dia e Hora em que a aula seria lecionada; Unidade Didática abordada; número da aula e sua duração; o material necessário para a sua realização; a função didática e os objetivos para essa aula; o local da aula e até o número de alunos previsto.

Por baixo do cabeçalho foi criada uma grelha dividida em Parte Preparatória, Parte Principal/Fundamental e Parte Final que continha, para cada uma dessas partes, as respostas às questões sobre o que ensinar (Objetivos Específicos), comportamentos que esperamos observar (Critérios de Êxito e Componentes Críticas) e como ensinar (Estilos de Ensino). Nessa grelha foi ainda colocado um espaço para exercícios previamente pensados e que nos ajudassem à concretização dos objetivos a que nos propúnhamos nessa aula; a sua duração estimada e o método de organização e disposição dos alunos, assim como, o material a ser utilizado.

No início de cada aula (Parte Preparatória) procuramos preparar os alunos para a dinâmica que pretendíamos implementar durante essa aula tanto a nível físico, através da ativação corporal, como a nível psicológico concentrando e motivando os alunos para a restante aula. Tentou-se reforçar o conteúdo deste momento de aula inserindo exercícios relacionados com temas já abordados e a abordar, mas também que proporcionasse uma vertente lúdica, criando-se assim um clima positivo e favorável ao desenrolar da restante aula.

No que concerne à Parte Fundamental de aula, Bento (1987) aponta que *“o professor tem a tarefa de realizar os objetivos e de transmitir os conteúdos”*. É possivelmente a parte mais longa e importante da aula, onde o professor tem que estar focado nas suas intenções educativas e nos objetivos que pretende alcançar nessa aula, de modo a conseguir entregar aos alunos o máximo de conhecimento possível. Assim, o seu planeamento deverá ser cuidado e detalhado, evitando a desnecessária perda de tempo útil na resolução de problemas, transições entre exercícios e na preleção, conseguindo



assim conceder aos alunos o máximo de tempo de prática possível e ao professor a oportunidade de dar o máximo de atenção e *feedbacks* aos alunos.

Quanto à Parte Final da aula teve como função o retorno à calma por parte dos alunos, abaixamento da excitabilidade inerente à prática do exercício físico e fazendo uma ponte desafiante para as aulas seguintes. Neste momento era feito também uma reflexão do decorrer da aula, questionamento, esclarecimento de dúvidas e dadas informações relativas às aulas seguintes de modo à sua possível motivação/preparação por parte dos alunos.

No documento do plano de aula estava ainda reservado um espaço para a Fundamentação da mesma, onde era possível encontrar com maior detalhe opções tomadas, reflexões sobre as escolhas de exercícios e estilos de ensinamentos selecionados e ainda, sempre que possível, enquadramento bibliográfico que reforçasse as nossas decisões. E por último, tomámos a decisão de incluir permanentemente uma grelha nominal que permitia registar considerações relativamente ao aproveitamento dos alunos em aula e registo de ocorrências, de modo a conseguir uma maior diferenciação pedagógica nas aulas seguintes e a facilitar a avaliação formativa.

### Realização

O momento da realização é dos mais importantes e de maior interação entre professor e aluno, em que se tenta aplicar o que foi previamente planeado tentando que os alunos tirem o máximo proveito da aula.

Para Siedentop (1998), são quatro as dimensões do processo de ensino-aprendizagem: a) Instrução; b) Gestão; c) Clima; e d) Disciplina.

#### a) Instrução

A dimensão instrução diz respeito a todas as ações e momentos da intervenção pedagógica com vista à transmissão de conhecimento por parte do professor. A qualidade da instrução está diretamente ligada à capacidade do professor de proporcionar aos alunos uma boa preleção, demonstração, *feedback* e questionamento.

A preleção é a exposição do conteúdo a abordar, assim sendo é o primeiro contacto do aluno com a matéria, como tal deve ser o mais direta e clara possível de modo a facilitar a compreensão por parte do aluno. Ao longo de todo o ano tentou-se que a preleção fosse breve, de modo a não retirar tempo de prática, e o mais simples possível de modo a não

confundir os alunos com informação desnecessária ou em demasia. Foi também tida em conta na preparação da preleção a distração e a falta de concentração por parte dos alunos, razão pela qual teria de ser breve e concisa mas também motivadora.

No primeiro momento expositivo da aula, respeitante à sua Parte Inicial, tentava-se entender a predisposição dos alunos para a aula, esclareciam-se dúvidas relativamente à aula anterior, dava-se uma noção do que iria ser abordado e resolvia-se qualquer problema existente que fosse apropriado ao momento. Na Parte de Encerramento da aula eram esclarecidas dúvidas, feito um balanço da aula e fornecidas informações sobre a aula seguinte.

Foi notado ao longo do ano que os alunos reagiam bem à demonstração tornando-se uma ferramenta muito útil como veículo de ensino. A demonstração foi preferencialmente feita por um aluno quando entre a turma se encontrava um bom executante. No entanto por várias vezes, ainda que cientes dos riscos que uma má demonstração por parte do docente pode ter, esta era feita por ele, devido à falta de um aluno capaz ou à boa capacidade de demonstração executada pelo professor. A demonstração foi essencialmente feita durante ou logo após a fase de instrução, sempre que o professor achou necessário ou a pedido dos alunos de modo a visualizarem a tarefa que iriam executar. Durante o decorrer da mesma foi tido especial cuidado em relação ao posicionamento de modo a que todos os alunos pudessem ter uma boa visibilidade da mesma. Uma das ferramentas utilizadas no momento de instrução, e que em muito ajudou os alunos na compreensão de alguns exercícios, foi a utilização de um *whiteboard* que possibilitou a visualização esquematizada de exercícios, formação de equipas e apresentação de pontos-chave.

Quanto ao *feedback*, é tido, segundo Siedentop (1998), como a mais importante ferramenta de ensino. Tentou-se fornecer aos alunos o máximo de *feedbacks* possível, tendo sempre em conta a necessidade deste ser positivo e de fácil compreensão, dando ao aluno informações sobre a ação executada e de como a melhorar, ou então, o que foi bem feito e deverá continuar a fazer. O *feedback* foi assim utilizado para orientar os alunos de modo a irem ao encontro dos objetivos pretendidos. No sentido de otimizar o aproveitamento do feedback foi tida em atenção a necessidade de fechar o ciclo de *feedback*, observando sempre se após a transmissão do mesmo o aluno executava a ação como pretendido ou se seria necessário novo *feedback* de modo a facilitar e melhorar a ação do aluno. Foi notado no decorrer das aulas que o *feedback* positivo tinha influência na motivação dos alunos, passando a ser utilizado não só como meio de informação ou

correção mas também como veículo de motivação para conseguir níveis de realização superiores e promotores da autoestima.

A utilização de *feedback* individual ou de grupo dependeu essencialmente da natureza da modalidade a ser abordada. Assim, em modalidades individuais na sua maioria os *feedbacks* foram individualizados e nas modalidades de coletivas houve maior prevalência de *feedbacks* de grupo embora fosse utilizado o *feedback* individualizado sempre que necessário. Os *feedbacks* foram na sua maioria visuais e auditivos, com exceção das modalidades de ginástica em que o *feedback* cinestésico foi amplamente utilizado.

#### b) Gestão

A base para uma boa gestão está no planeamento da aula, na criação de rotinas e na coerência das atitudes e decisões do professor.

A preparação da aula no que diz respeito aos materiais necessários, formação prévia de equipas, solução para possíveis problemas e interligação entre exercícios levou muitas vezes à poupança de tempo despendido em organização, transformando-o em tempo útil de aula. Este aspeto foi melhorando ao longo do ano, tornando as aulas cada vez mais fluidas e com maior tempo de empenhamento motor por parte dos alunos.

Os alunos estão habituados no colégio a ter música no decorrer das aulas, sabendo que enquanto há música é tempo de empenhamento motor e quando esta para devem eles também parar e agrupar-se junto do professor de modo a obter indicações. Esta pequena rotina facilitou muitas vezes os momentos de instrução, levando a que fossem mais rápida a organização do exercício ou a transmissão de *feedbacks* para a turma.

Por vezes os alunos demoravam demasiado tempo a equipar-se para a aula, sendo necessário, em especial no início do ano, lembrar os alunos da importância de se apresentarem à aula atempadamente, cumprindo o horário estabelecido. Ao longo do ano a perseverança do professor neste aspeto foi dando os seus resultados, tendo os alunos melhorado significativamente. Os atrasos implicavam por vezes a necessidade de alteração dos tempos ou dos exercícios planeados, sendo até por vezes necessária a exclusão de alguns exercícios. Coube assim ao professor, ser capaz de se adaptar à situação e tomar decisões de ajustamento, selecionando os exercícios que beneficiassem ao máximo os seus alunos, não se preocupando apenas em cumprir o plano de aula.

O comportamento da turma influenciou significativamente a parte da gestão da aula, sendo da nossa preocupação evitar ao máximo elevados tempos de inatividade, uma

vez que era aqui que se viam a maior partes dos comportamentos desviantes ou de indisciplina. No entanto há que referir que foi sendo notória uma evolução muito positiva ao longo do ano relativamente aos aspetos focados anteriormente.

c) Clima/Disciplin

O controlo da indisciplina para a existência de um clima favorável à aprendizagem foi, ao longo todo o ano, de extrema importância.

Neste sentido, desde o início do ano letivo, foram definidas regras/comportamentos a adotar durante o momento da aula, mantendo o professor uma postura de exigência no cumprimento das mesmas. No entanto, sempre que possível e especialmente fora do contexto de aula, desenvolveu-se uma relação de proximidade com os alunos, mostrando preocupação com a evolução das aprendizagens nas restantes disciplinas e procurando saber se haveria necessidade de ajuda em algum outro assunto. Este comportamento, seguindo o ideal do Sistema Preventivo utilizado no CSM, foi tido não só com a turma do 8ºB mas também com os restantes alunos do colégio, acompanhando-os nos intervalos, conhecendo-os melhor e ganhando a sua confiança.

Quanto aos alunos do 8ºB, a relação professor/alunos foi sendo construída ao longo do ano, baseada no respeito mútuo e na confiança. Se inicialmente foi notado algum afastamento por parte dos alunos, este foi-se esbatendo ao longo do ano letivo. Convictos da importância da relação professor/aluno no processo ensino/aprendizagem, esforçámo-nos por criar uma ligação de confiança que permitisse aos alunos entenderem que tudo o que era feito nas aulas era importante para o seu desenvolvimento e pensando no bem deles. O equilíbrio entre uma postura descontraída e assertiva foi um dos maiores desafios deste estágio, pois ao mesmo tempo que se tentava criar uma aula motivadora e divertida, não se podia descurar o cumprimento das regras definidas, de modo a que a aula fosse produtiva e proporcionasse aprendizagens significativas.

Varias foram as estratégias adotadas de modo a estimular a aprendizagem e motivação das aulas. Maior proximidade dos alunos com maior dificuldade e dos alunos mais indisciplinados foi uma estratégia utilizada, tentando que os alunos sentissem que o professor estava sempre presente e a observar, ainda que estando, por vezes, no lado oposto da sala de aula, não permitindo ações que não fossem ao encontro das apropriadas em aula.

A construção prévia de grupos de trabalho foi uma das estratégias fundamentais no controlo da disciplina. Assim evitava-se sempre que alunos problemáticos ficassem juntos inserindo-os junto de colegas que pudessem de algum modo ajudar no seu controlo e integração nos exercícios. A alguns dos alunos, mesmo revelando problemas ao nível do comportamento, mas que eram bons na execução dos exercícios, colocava-se alguma responsabilidade, solicitando-os para ajudar os colegas com mais dificuldades. Esta estratégia foi na maioria dos casos proveitosa, conseguindo assim um maior autocontrolo da turma e ao mesmo tempo, uma maior interação entre todos os alunos.

Como referido, todas as UD tinham uma atividade planeada após o termino da sua leção (um fim em mente), quer fosse uma apresentação à escola ou um torneio entre alunos. É de exaltar a eficácia desta estratégia na construção da motivação da turma, pois os alunos realmente interessavam-se por estes momentos e dedicavam-se a eles com grande empenhamento.

### Avaliação

Segundo Sobral & Barreiros (1980), “*o objetivo primordial da avaliação em E.F é a melhoria do ensino.*” Com a avaliação podemos ter uma ideia da consumação dos objetivos propostos, sabendo se as estratégias planeadas e aplicadas resultaram e assim em caso de necessidade proceder a alterações e ajustes.

Todo o processo de avaliação exige do docente uma profunda capacidade de análise e reflexão, em que o professor deve não só ponderar o trabalho dos alunos como o seu próprio trabalho, sendo autocrítico e exigente consigo mesmo e com as decisões tomadas de modo a conseguir melhorar e aperfeiçoar o seu ensino.

Considerámos a existência de três tipos de avaliação que são realizadas em momentos diferentes e com funções/objetivos também diferentes. De modo a guiar os alunos na sua jornada e para que conseguissem atingir os objetivos definidos, foi utilizada uma avaliação criterial e foram previamente disponibilizados aos alunos quais os critérios sobre os quais seriam avaliados.

Tem por base o Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho, “*A avaliação da aprendizagem compreende as modalidades de avaliação diagnóstica, de avaliação formativa e de avaliação sumativa.*”

### Avaliação Diagnóstica

*“A avaliação diagnóstica realiza -se no início de cada ano de escolaridade ou sempre que seja considerado oportuno, devendo fundamentar estratégias de diferenciação pedagógica, de superação de eventuais dificuldades dos alunos, de facilitação da sua integração escolar e de apoio à orientação escolar e vocacional.” - Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho*

A avaliação diagnóstica é o momento em que o professor analisa e define o ponto de partida para a UD. Procura-se aqui saber quais os conhecimentos já adquiridos pelos alunos e quais as suas capacidades iniciais, traçando objetivos e definindo estratégias individuais e de grupo para um ensino mais eficaz através da adequação de todo o processo de ensino-aprendizagem. Após a análise desta avaliação diagnóstica é possível a criação de grupos de nível e grupos de trabalho.

Optámos por realizar esta avaliação no início de cada UD, e não no início do ano letivo, pois consideramos que varias modalidades (em especial as coletivas) têm características comuns que quando adquiridas numa delas têm transferência para as restantes (ex. ocupação racional de espaço). Fazendo a avaliação diagnóstica no início do ano, quando se fosse abordar uma modalidade semelhante perto do final do ano letivo os dados recolhidos já não corresponderiam à realidade nesse momento, dos conhecimentos dos alunos.

Esta avaliação serve também para que o professor e aluno tenham noção da evolução conseguida, servindo como fator motivacional para o aluno e como averiguação do sucesso das decisões tomadas pelo professor.

Além da avaliação de conhecimentos antes de cada UD foi também testada a capacidade física de cada aluno no início do ano letivo através da bateria de testes FITNESSGRAM®, dando a noção do estado físico dos alunos no que respeita a força, resistência cardiorrespiratória, flexibilidade e velocidade.

### Avaliação Formativa

*“A avaliação formativa assume carácter contínuo e sistemático, recorre a uma variedade de instrumentos de recolha de informação adequados à diversidade da aprendizagem e às circunstâncias em que ocorrem, permitindo ao professor, ao aluno,*

*ao encarregado de educação e a outras pessoas ou entidades legalmente autorizadas obter informação sobre o desenvolvimento da aprendizagem, com vista ao ajustamento de processos e estratégias.” - Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho*

A avaliação formativa permite ao professor um acompanhamento das aprendizagens conseguidas pelos alunos, levando a que este consiga uma melhor adequação de estratégias e melhor acompanhamento individual do aluno, potenciando a diferenciação pedagógica e a concretização de objetivos. Uma boa avaliação formativa deve ser constante, alvo de reflexão por parte do professor e feita todas as aulas, sendo como que um relatar do aproveitamento do aluno e do seu comportamento ao longo das aulas de modo a traçar o seu percurso e ajudar também na sua avaliação sumativa.

Durante todo o ano a avaliação formativa foi realizada através de pequenos momentos de reflexão nos momentos seguintes à aula. Foram registadas anotações relativas às dificuldades encontradas pelos alunos, assim como, quais os momentos que mais se destacaram pela positiva e também pela negativa, a fim de serem melhor trabalhados.

Com esta avaliação foi possível a adequação e adaptação das estratégias de ensino de modo a exponenciar o aproveitamento dos alunos, mas também foi fundamental no momento da avaliação sumativa uma vez que nos permitiu antecipar algumas das aprendizagens adquiridas pelos alunos de modo a que apenas fosse necessário confirmar essa aquisição.

### *Avaliação Sumativa*

*“A avaliação sumativa traduz -se na formulação de um juízo global sobre a aprendizagem realizada pelos alunos, tendo como objetivos a classificação e certificação” - Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho*

A avaliação sumativa, das três é a última a ser realizada, tem a função de aferir os conhecimentos finais adquiridos pelos alunos. Esta é feita no final de uma UD, de um período letivo e de um ano letivo de modo a quantificar através de um nível as aprendizagens conseguidas pelos alunos, tendo um carácter de certificativo dos conhecimentos adquiridos pelo aluno. Dando, segundo o decreto de lei supracitado, *“origem a uma tomada de decisão sobre a progressão, retenção ou reorientação do percurso educativo do aluno”*.

Na avaliação sumativa tentámos ter em conta todo o percurso do aluno, contanto para isso com a ajuda da avaliação formativa, pois pretendia-se também recompensar o trabalho desenvolvido pelo aluno e o seu empenho. De modo a facilitar o momento de observação final da avaliação sumativa, as grelhas criadas para o registo eram sempre que possível pré-preenchidas, servindo o momento de observação final apenas como confirmatório dos conhecimentos dos alunos.

Ao longo de todo o ano letivo tentou-se que os alunos tivessem a aquisição real de conhecimentos e não uma simples preparação para o momento de avaliação, evitando avaliação em exercícios analíticos sempre que possível e dando preferência, em especial nas modalidades coletivas, à avaliação em situação de jogo.

### **Atitude Ético-Profissional**

Ser professor é considerada das mais nobres profissões, é ensinar e educar de modo a construir o futuro, como tal para que a tarefa seja bem desenvolvida, há um conjunto de comportamentos e atitudes que deve ser tido em conta.

Foi adotada por nós, desde o primeiro momento, uma atitude de respeito para com toda a comunidade do CSM, adotando as crenças e valores pelos quais o colégio se rege e aplicando uma conduta de professor e educador.

Os alunos têm por vezes os professores como modelos de ação e comportamento, sendo por isso necessário manter uma ética e profissionalismo correto e exemplar durante todos os momentos. Assim sendo, ao longo do ano fomos assíduos, pontuais, mostrando entusiasmo pelas atividades e comparecendo com o material necessário nos momentos de aula, tentando ser congruentes com o que era pedido aos alunos.

No CSM, mais que apenas dar atenção à turma pela qual estávamos responsáveis, existiu sempre uma aproximação aos restantes alunos e mostrando disponibilidade para qualquer eventualidade. No entanto foi com muito gosto que ao longo do ano desempenhámos funções como tutores de três alunos, seguindo de perto o seu percurso mantendo uma postura amiga e próxima sempre disponíveis a ajudar em qualquer situação necessária.

Quanto ao NEEF, o trabalho de grupo foi uma constante, lutando por suprimir as dificuldades existentes de forma unida e respeitando diferentes modos de pensamento e atuação, tendo sempre em vista a maximização da aprendizagem dos alunos. Pensamos



ter promovido o trabalho de equipa, ter demonstrado responsabilidade, capacidade de iniciativa e fazendo por ser tão presentes e pró-ativos quanto possível.

A articulação com os restantes professores do CSM foi cordial e proveitosa, sendo inúmeros os conhecimentos e as experiências transmitidas. Existindo trabalho conjunto sempre em prol dos alunos, partilhando acontecimentos, ideias e estratégias adotadas. Julgamos que, apesar da menor experiência, contribuímos de maneira constante, correta e útil nas questões que foram sendo discutidas ao longo do ano, participando e colaborando em várias reuniões ricas na discussão de estratégias e observando vários modos de pensar e agir.

Mostrámos disponibilidade para participar das reuniões com os encarregados de educação tentando sempre contribuir tanto quanto possível e esforçando-nos para aprender como lidar com as situações apresentadas em cada caso particular, melhorando em muito a nossa forma de lidar e comunicar com os encarregados de educação.

Pelo trabalho demonstrado foi-nos possível fazer parte integrante da Comissão de Verificação de Avaliações, entendendo assim mais sobre o modo de realização e apresentação das mesmas, tomando conhecimentos dos processos anteriores à sua divulgação e assegurando que não existiam falhas na sua apresentação.

Dentro do CSM tivemos uma postura de professores e educadores a tempo inteiro, acreditando que todos os momentos são oportunidades pedagógicas. Respeitámos e fizemos respeitar o regulamento interno e o projeto pedagógico do CSM. Adotámos a prática do Sistema Preventivo acreditando nela e verificando os seus resultados práticos no dia-a-dia.

Foi-nos possível estar presentes em várias atividades do CSM que nos enriqueceram com um vasto conjunto de experiências, das quais destacarias a presença e organização das atividades de receção aos novos alunos no primeiro dia de aulas, acompanhamento dos alunos durante a corrida “*Colorir Anadia*” e viagens de estudo, dinamização de torneios e demonstrações desportivas, presença em festas do colégio, criação de uma *Flash Mob* e criação/dinamização da atividade “*Pátio D. Bosco*”. Foi-nos possível ajudar na organização da ida aos Jogos Nacionais Salesianos 2016 em Manique, sendo-nos até possibilitada orientação da equipa de Basquetebol Infantis B masculinos em representação do CSM. Com a participação nestes eventos conseguimos entender os pontos necessários à organização de eventos desportivos e escolares, sendo agora mais capazes de entender a dinâmica necessária para este tipo de organizações.

Participámos ainda como meio de aquisição de conhecimentos nas “II Jornadas Científico-Pedagógicas”, Ciclo de Conferências de Didática da Educação Física onde se abordou “A Dança como Matéria de Ensino”, “A Ginástica como Matéria de Ensino” e “O Badminton como Matéria de Ensino”, na “Oficina de Ideias em Educação Física” realizado na Escola Secundária Avelar Brotero, no “V Fórum Internacional das Ciências de Educação Física”, “Formação de Epilepsia” desenvolvida no CSM e organizámos e participámos “Formação de Tag Rugby e Basquetebol” também decorrente no CSM. Todas estas atividades contribuíram para que nos tornássemos melhores profissionais através da reflexão e da partilhada de visões e ideias.

## Capítulo III – Aprofundamento do Tema – Problema

### **Introdução**

Segundo um estudo de Garcia et al. (2006) concluiu-se que “A relação com outros alunos interfere na aprendizagem do indivíduo” e “As atividades em grupos são consideradas importantes ferramentas no processo de aprendizagem”. Seguindo esta linha de pensamento, e tendo em conta que especialmente na Educação Física os alunos estão em constante interação, é importante para o professor conhecer o relacionamento entre os alunos de modo a tirar vantagem desse relacionamento na definição de estratégias para uma melhoria na aprendizagem. Com este estudo sociométrico tivemos também o cuidado de reforçar a importância da Avaliação Formativa como forma de controlar os efeitos da utilização dos dados obtidos.

### **Pertinência do Estudo**

Após a caracterização da turma foram encontradas algumas dificuldades de relacionamento, que muitas vezes resultavam em conflitos, levando à ocorrência de situações comportamentais Graves (comportamentos fora da tarefa, comportamentos desviantes) e Muito Graves (com necessidade expulsão do aluno da sala de aula e de participação ao diretor de turma). Tendo em conta esta análise da turma foi necessária a

criação de várias estratégias que permitissem ao professor ter um melhor controlo e gestão do clima e disciplina durante as aulas.

Decidimos pela aplicação do estudo sociométrico uma vez que no Colégio Salesiano de Mogofores se estrutura o ensino por três rotinas, sendo a terceira “*Partilha do Conhecimento*”. Esta partilha é feita “*no grupo e entre grupo*” e “*pelo professor sempre que este o entender*”, dando assim ênfase ao trabalho cooperativo, algo que por vezes seria limitado pelas relações conflituosas entre os alunos.

Com a as aulas de Educação Física pretendemos possibilitar a prática de atividade física, transmitindo não só os conhecimentos necessários para que o façam, mas também inculcar o gosto e a vontade de o fazer, como tal e partilhando da opinião de Piéron, M. (1996):

*O Clima positivo deverá reinar na aula. O ensino das atividades físicas persegue vários objetivos sendo um dos principais o desenvolvimento de um desejo de prosseguir essa prática uma vez que o aluno saia das obrigações escolares. Uma atitude positiva não se desenvolve, em relação às actividades físicas, a não ser que o aluno as pratique com sucesso e que essa prática se efetue de maneira agradável, num clima de suporte e encorajamento da parte do professor. Quanto à organização: Maximizar o tempo de actividade individual do aluno, como a frequência do feedback, exige uma organização cuidada das condições de prática da actividade. Como indicado precedentemente, esta simplifica, também, os problemas de controlo da aula e da disciplina. (p.32).*

Em suma, foi encontrado um problema que dificultava a aprendizagem na turma, iniciou-se uma busca por formas de o resolver, desenvolveram-se estratégias aplicando um estudo facilitador da definição das mesmas e por fim procedeu-se à tentativa de resolução do problema.

### **Enquadramento Teórico**

Os conflitos fazem parte da vida e estão presentes nas relações humanas, quer a nível do trabalho, quer nas diferentes formas de agir e pensar. Os espaços onde ocorrem

mais conflitos são os ambientes de convivência diária. Numa escola, o espaço / sala de aula será um local propício a ocorrerem oposições de ideias. O professor deverá ser o gestor dessas atitudes de modo a impedir problemas disciplinares e comportamentais, tirando partido desses conflitos e transformando-os em momentos educativos.

Atendendo à faixa etária da turma em questão, que se encontra na adolescência, sabemos que devido às características próprias do desenvolvimento cognitivo e afetivo, é uma fase de conflitos. A necessidade de afirmação e aceitação por parte dos pares é uma característica importante nesta fase. O professor deverá então ter em conta estes pressupostos na sua planificação e desenvolver estratégias que permitam lidar com conflitos de uma forma construtiva.

Falando sobre o planeamento da aula, Bento, J. (1987), diz-nos:

*Um terceiro pressuposto para as decisões fundamentadas, aquando da preparação da aula, é o conhecimento exacto da estrutura de condições na classe ou turma. Isto diz respeito às condições favoráveis existentes (p. ex., atitudes de franca comunicação e cooperação, espírito coletivo sadio, grande interesse pela disciplina, grande disponibilidade para questões e problemas) como à eliminação e modificação de condições desfavoráveis, assim como à criação de condições positivas. (p.92).*

Deste modo e comungando desta ideia, mais uma vez é dada relevância ao papel do professor que requer sensibilidade na mediação de relações, não consistindo apenas as suas funções na transmissão de conhecimentos. Tendo em conta as diferenças verificadas dentro da turma e os conflitos que surgem, é exigido ao professor um novo papel, que passa sem dúvida, gerir o êxito das relações interpessoais criando um clima de bem-estar. Com o objetivo de conhecer melhor a turma foi então feito um estudo sociométrico, estudo esse que só por si não nos dá soluções, mas sim conhecimento das dinâmicas relacionais da turma de modo a que possam ser exploradas, tal como referem Northway & Weld (1976)

*“ Os testes sociométricos em si não nos dizem o que devemos fazer às crianças; dão-nos informações e não instruções.”*. Os mesmos autores sugerem também que *“As escolhas sociométricas são um guia valioso para a disposição das crianças nas carteiras ou na*

*formação de grupos (...) na organização das turmas ajudar-nos-á a criar um bom clima dentro da aula*”. Considerámos então que esta ferramenta seria a ideal para nos auxiliar na transformação que pretendíamos realizar.

## **Contribuição do estudo**

Os problemas/ conflitos não são solucionados apenas por uma estratégia. A aplicação de testes sociométricos foi um recurso para entender as relações interpessoais da turma, perceção de escolhas e rejeições, alunos controversos e alunos mais populares (líderes), permitindo assim que mais rapidamente reformulássemos a constituição de grupos de trabalho de modo a que promovessem a articulação entre os seus membros, facilitando assim uma boa conduta e aprendizagem por parte de todos.

Serve o presente estudo para perceber até que ponto a utilização de um Teste Sociométrico é útil no contexto escolar do CSM e da turma do 8ºB.

## **Metodologia**

Tendo em conta o seu carácter reflexivo, de aplicação prática e de necessidade de reformulação constante, estudo segue uma metodologia de Investigação-Ação.

Foi utilizado o Teste Sociométrico uma vez que este, segundo Northway & Weld (1976), *“pode ser aplicado por um professor”* e se considera *“ simples de aplicar e é fácil fazer o apuramento e, por seu intermedio, descobrir-se-ão muitas coisas acerca das crianças, que nos ajudarão no nosso trabalho com elas.”*. É simples porque apenas é necessário que os alunos respondam a breves questões sobre que colegas escolherias para determinadas situações, necessitando o professor apenas de organizar a informação e posteriormente analisar e refletir sobre os dados obtidos.

Os testes sociométricos fornecem-nos informações, segundo Northway & Weld (1976), relativas ao grau de aceitação de determinada criança perante a turma (posição sociométrica); *“quais são os maiores amigos de cada criança”*; conhecer a estrutura do grupo como um todo; conhecer possíveis líderes e até saber o nível de integração dos alunos na turma.

Após preenchidos e analisados os questionários, foram feitas mudanças na constituição dos grupos, colocando no mesmo grupo de trabalho, sempre que possível, alunos cujo relacionamento se julga bom e evitar juntar alunos que se rejeitem mutuamente de modo a evitar situações de conflito.

## **Amostra**

A amostra é constituída pelos 20 alunos da turma do 8ºB do CSM, sendo que 12 são do sexo masculino e 8 do sexo feminino. No ano letivo da aplicação do teste as idades eram compreendidas entre os 13 e os 16 anos com uma idade média de 15 anos.

## **Procedimentos de recolha de dados**

Numa primeira fase foi feito com os alunos um teste sociométrico na forma de questionário. O questionário foi constituído por perguntas que vão ao encontro do sugerido por Northway & Weld. As perguntas utilizadas eram simples e pediam a escolha de três colegas para uma atividade de lazer realista, de modo a que nas escolhas feitas realmente constem os colegas que pela sua proximidade e não por interesse. Uma vez que era objetivo do estudo evitar conflitos, uma das perguntas servia para identificar especificamente quem os alunos não queriam ter no seu grupo.

O teste foi respondido por todos os alunos ao mesmo tempo, evitando a comunicação entre os alunos, e sendo-lhes garantido o máximo de confidencialidade em relação às suas respostas de modo a que pudessem ser o mais sinceros possível.

Foram então quatro perguntas de resposta rápida que nos disseram as preferências dos alunos e nos mostraram a sua perceção em relação às escolhas dos colegas:

*1- A turma vai à praia de automóvel. Quem gostarias que fosse no carro contigo? (três colegas).*

*2- Três colegas com quem não gostarias de ir.*

*3- Três colegas que achas que te convidariam para ires com eles.*

*4- Três colegas que achas que não te convidariam para ires com eles.*

## Tratamento de dados

Para a criação da base de dados e seu tratamento foram utilizados o software informático Microsoft Office Word e Excel 2010

## Análise dos Resultados

Através da análise das respostas aos questionários, foi criada uma base de dados que posteriormente foram cruzados através da criação de tabelas para a tornar mais simples a observação de situações especiais.

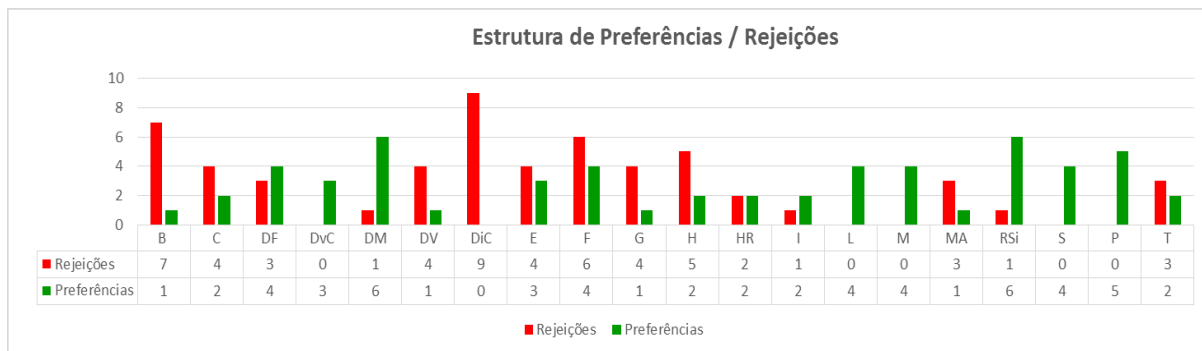
### Tabela de Cruzamento de Preferências e Rejeições

Nome	B	C	DF	DvC	DM	DV	DiC	E	F	G	H	HR	I	L	M	MA	RSi	S	P	T
B			1		1	-1	-1		1		-1									
C						-1									1	-1	1	1		-1
DF	1	-1			1		-1		1		-1									
DvC	-1								-1								1	1	1	-1
DM		-1	1			-1		1	1				-1							
DV	-1						-1		-1					1	1		1			
DiC				1	1	-1		-1								-1			1	
E					1		-1		1		-1					1	-1			
F		-1	1		1		-1	1												
G		-1	1		-1		-1				1	1								
H						1	-1	-1		1		1								-1
HR							-1	-1		-1	1						1			1
I	-1		-1						-1					1	1				1	
L		1								-1	-1	-1	1	1	1					
M		1								-1	-1	-1	1	1						
MA	-1				1		-1	1	-1											1
RSi	-1		-1						-1					1					1	1
S	-1			1					-1							-1	1	1	1	
P	-1		-1	1				-1									1	1		
T	-1						-1		-1							1	1		1	

	Preferência mútua
	Rejeição mútua
	Oposição de Sentimentos

Aqui podemos observar as Preferências e Rejeições mútuas assim como se existe Oposição de Sentimentos. Podemos também através desta tabela procurar alguns subgrupos (página seguinte).

Com a análise desta tabela verifica-se que os alunos G e HR têm uma Oposição de sentimentos, pois o aluno G tem como preferência o aluno HR mas no entanto o aluno HR rejeita G.



Aqui podemos concluir quais os alunos com mais preferências e quais os com maior número de rejeições.

Como se podemos observar os alunos com maior índice de preferência são DM, RSi e P, o que poderá indicar que são líderes dentro da turma.

Por outro lado, os alunos B e DiC, são os alunos com maior índice de rejeição, sendo que o aluno DiC um caso preocupante pois é rejeitado por metade da turma.

### Subgrupos

Com o auxílio da Tabela de Cruzamento de Preferências e Rejeições são encontrados diversos grupos.

Subgrupo 1	I	L	M
I			
L			
M			

Subgrupo 2	DvC	RSi	S	P
DvC				
RSi				
S				
P				

Subgrupo 3	DF	Dm	E	F	B
DF					
DM					
E					
F					
B					

Subgrupo 4	G	H	HR
G			
H			
HR			



### Rejeições comuns a membros dos Subgrupos

Subgrupo 1	I	B	DF	F
	L	G	H	HR
	M	G	H	HR

Subgrupo 2	DvC	B	F	T
	RSi	B	DF	F
	S	B	F	MA
	P	B	DF	E

Subgrupo 3	DF	C	DiC	H
	DM	C	DV	I
	E	DiC	H	RSi
	F	C	DiC	G
	B	DV	DiC	H

Subgrupo 4	G	DiC	C	DM
	H	DiC	E	T
	HR	DiC	E	G

Um dos factos interessantes que se observa neste estudo é que dentro dos subgrupos as rejeições tendem a ser semelhantes, com vários alunos do mesmo subgrupo a rejeitar os mesmos colegas, existindo até grupos que rejeitam diretamente outros grupos.

## **Discussão dos Resultados e Implicações Práticas**

Através das pequenas alterações nos grupos de trabalho, evitando principalmente a colocação de alunos que se rejeitam mutuamente, notou-se uma melhoria na fluidez da aula, no empenho e na intensidade de alguns alunos na aula.

A colocação de alunos perto de colegas pertencentes ao seu subgrupo demonstrou também uma crescente confiança e entrega por parte da generalidade dos alunos. Ficou ainda evidente com base nos registos da Avaliação Formativa das unidades didáticas seguintes à introdução dos dados resultantes do estudo, uma diminuição de ocorrências disciplinares.

Entre as mudanças efetuadas a colocação do aluno H no grupo dos alunos G e HR e evitando os alunos DiC e E levou a um aumento no seu empenho e motivação na aula,

praticamente anulando os habituais comportamentos fora da tarefa deste aluno e a sua recusa em realizar alguns exercícios.

No caso do aluno DiC, um dos casos mais problemáticos, uma vez que era o aluno mais rejeitado na turma, teve a sua inclusão num grupo com dois dos seus colegas preferidos, sendo que um deles, aluno P, era um dos mais populares e um possível líder na turma. Assim mudou a sua maneira de estar e a sua recusa em participar da aula, chegando mesmo a verbalizar que gostava muito mais do seu atual grupo de trabalho. Previamente a esta formação de grupos, o aluno tinha sido mal recebido em alguns grupos, criando nele alguma revolta e desinteresse pela aula, mas assim estava num ambiente mais confortável e contava com a ajuda do aluno P, que era um bom executante e se foi mostrando disponível para o ajudar.

As alunas DF, F e B, que habitualmente tinham fraco empenho na aula, ao serem colocadas no mesmo grupo passaram a colaborar mais na aula, aumentando o seu empenho motor e notando até um aumento da sua confiança no desempenhar de algumas tarefas uma vez que contavam com o suporte umas das outras.

A aluna E apesar de estar num grupo, segundo ela do seu agrado, continuou muito inconstante na sua presença na aula, mostrando desinteresse por EF e todas as outras disciplinas. Neste caso e apesar dos esforços feitos para a sua inclusão, a aluna não modificou o seu comportamento, sendo possivelmente necessário um tipo de abordagem mais profundo.

Em desportos coletivos evitou-se também que existisse confronto entre grupos de trabalho com alunos que se rejeitavam, no entanto, quando acontecia por meio de por exemplo um minitorneio, os alunos não revelaram comportamentos negativos, isto possivelmente devido ao facto de existir um mediador, fosse um aluno para desempenhar o papel de árbitro ou a presença do professor.

Sem dúvida foi também notória uma mudança no clima da aula, onde se notou uma maior boa disposição promotora de empenho e uma baixa nas paragens devido a discussões entre alunos.

Foi necessário continuar a refletir e testar ao longo do ano algumas mudanças de modo a aprimorar a formação de grupos, especialmente dependendo da modalidade que estivesse a ser abordada de modo a maximizar a aprendizagem.

## **Limitações do Estudo**

Apesar de ser ter sentido uma melhoria evidente, seria necessário em futuros estudos a criação de formas ou modos de validar/registar as diferenças encontradas, de modo a ser simplificado o processo de acompanhamento da evolução da turma.

É uma estratégia que exige do professor sensibilidade às preferências dos alunos e a capacidade de análise constante ao desenrolar das situações relacionais, levando por vezes a uma necessidade de experimentação e situações “tentativa-erro”.

Num meio escolar que não promova o trabalho em grupo, este estudo e as estratégias que dele advêm, podem não ser um método eficaz no controlo da turma melhoria da sua disciplina.

## **Recomendações**

Após os resultados obtidos com a aplicação deste estudo, recomenda-se que este seja parte integrante da caracterização da turma, sendo realizado logo no início do ano letivo e de modo a ser tido em conta por todos os professores o relacionamento dos alunos aquando da construção de grupos de trabalho e até mesmo na sua distribuição pela sala de aula.

Devido às constantes mudanças nos relacionamentos desta faixa etária, é possível que seja necessária a utilização de teste sociométrico mais que uma vez durante o decorrer do ano letivo de modo a conseguir acompanhar as constantes alterações nas preferências dos alunos, procedendo à reformulação dos grupos de trabalho.

Num estudo futuro seria também interessante proceder à realização do teste trocando as perguntas de cariz social (“com gostarias de ir à praia?”) por perguntas mais voltadas para o trabalho escolar (“quem gostarias de ter no teu grupo de trabalho?”), podendo ou não revelar informações ainda mais precisas relativamente à formação de grupos segundo as preferências dos alunos, aproximando-se assim mais do objetivo final.

## **Conclusões**

A realização do teste sociométrico e conseqüente aplicação dos resultados do mesmo trouxe várias vantagens e foi uma mais-valia na criação e definição de estratégias de diferenciação pedagógica, na medida em que os alunos devem ter criadas para si as melhores condições possíveis de modo a melhorar a sua aprendizagem, especialmente numa escola que preconiza o trabalho em grupo com uma estratégia de ensino de elevada

importância. Foi notório, ao longo das UD em que o estudo sociométrico foi utilizado na formação de grupos, o diminuir de ocorrências graves e muito graves.

Concluindo que a aplicação de testes sociométricos é uma estratégia válida e útil no contexto escolar do CSM, recomendando-se a sua utilização como estratégia promotora de melhorias nas dimensões clima e disciplina, inculcando nos alunos o gosto pelo exercício físico e um sentimento positivo em relação à atividade física.

## Conclusão

Uma vez finalizada esta etapa de formação acadêmica foi com um misto de felicidade e tristeza que este documento foi redigido. Felicidade pelo ultrapassar dos desafios apresentados, pelos conhecimentos adquiridos e pelas amizades criadas. Tristeza pelo terminar de um ciclo que vai deixar saudade devido ao desafio constante e sentimento de superação dia após dia. Neste documento tentou-se colocar da melhor forma o caminho percorrido ao longo deste Estágio Pedagógico, no entanto nem tudo é possível ser transposto para palavras.

O CSM foi como uma segunda casa, ou até mesmo como um segundo lar onde o conforto e o sentimento de pertença foram uma constante, contribuindo toda a comunidade escolar para a aquisição de conhecimentos e experiências acadêmicas, profissionais e pessoais de um valor inestimável.

Fica agora um enorme sentimento de querer, querer mais daquilo que foi o ano letivo 2015/2016, querer mais experiências, mais amizades e mais conhecimento!

## Referências Bibliográficas

Bento, J. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte

Cortesão, L. (2002). *Formas de ensinar, formas de avaliar: breve análise de práticas correntes de avaliação*. Disponível em:

<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/26195> no dia 10 julho 2016

Cortesão, M. (2010). *Clima escolar, participação docente e relação entre os professores de Educação Física e a comunidade educativa*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.

Estrela, M. (1992). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto: Porto Editora.

Garcia, E. ; et al. (2006). *Estudo da relação professor / aluno e aluno / aluno no processo de ensino e aprendizagem*. Disponível em:

<https://uspdigital.usp.br/siicusp/cdOnlineTrabalhoVisualizarResumo?numeroInscricaoTrabalho=1027&numeroEdicao=14> no dia 10 de Março de 2016

Northway, M. & Weld, L. (1976). *Testes sociométricos, um guia para professores*. Lisboa: Livros Horizonte.

Oliveira, M. (2001). *A indisciplina em aulas de educação física estudo das crenças e procedimentos dos professores relativamente aos comportamentos de indisciplina dos alunos nas aulas de educação física do 2º e 3º ciclos do ensino básico*. (Tese de doutoramento não publicada) Universidade do Porto, Porto.

Piéron, M. (1988). *Didáctica de las actividades físicas y deportivas*. Madrid: Gymnos.

Piéron, M. (1996). *Formação dos Professores – Aquisição de Técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. Lisboa: Edição FMH.

Rabello, E.T. e Passos, J. S. : *Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento*. Disponível em <http://josesilveira.com/artigos/erikson.pdf> no dia 14 de Março de 2016

Siedentop, D. (1998). *Aprender a ensinar la educación física*. Barcelona: Inde.

Sobral, F., & Barreiros, M. (1980). *Fundamentos e técnicas de avaliação em Educação Física*. Lisboa: Centro de Documentação e Informação – ISEF

#### Outra bibliografia:

Como Ensinamos, *Relacionamento e estruturação do ensino*. Disponível em <http://www.mogofores.salesianos.pt/col%C3%A9gio/a-nossa-diferen%C3%A7a/como-ensinamos>

Lemos, M. S. *Motivação e aprendizagem*. Textos de Apoio da Disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem

Guia das Unidades Curriculares dos 3º e 4º Semestres. 2015/2016

Projeto Educativo do Colégio Salesiano de Mogofores.

Programa Nacional de Educação Física do Ensino Básico. Ministério da Educação.

#### Legislação

Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de junho de 2011. Diário da República n.º 129 - I Série A. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de agosto de 2001. Diário da República n.º 201 – I Série A. Ministério da Educação. Lisboa.

Despacho Normativo n.º 1/2005 de 5 de janeiro de 2005. Diário da República n.º 3 – I Série B. Ministério da Educação. Lisboa

Despacho Normativo n.º 17-A/2015 de 22 de setembro de 2015. Diário da República n.º 185 – II Série A. Ministério da Educação. Lisboa

## Anexos

### Anexo I- Exemplo do Plano de aula

Data:	Hora:	Nº aula:	Turma:
Duração:	Período:	Nº aula na U.D:	Professor: Pedro Chaves
Uni. Didática:	Total aulas da U.D:	Função Didática:	Local:
Recursos Materiais:		Objetivos da aula:	Nº de alunos:

Tempo Total   Parcial	Tarefas	Organização	Objetivos	Componentes Críticas/Critérios de êxito	Estilos de ensino
<b>Inicial</b>					
<b>Fundamental</b>					
<b>Final</b>					

Grupos:

Exercício 1				
Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 5
Observações:				

Fundamentação

## Anexo II – Ficha de Observação

<b>Data:</b>	<b>Hora:</b>	<b>Nº aula:</b>	<b>Turma:</b>
<b>Duração:</b>	<b>Período:</b>	<b>Nº aula na U.D:</b>	<b>Professor:</b>
<b>Uni. Didática:</b>	<b>Total aulas da U.D:</b>	<b>Função Didática:</b>	<b>Local:</b>
<b>Recursos Materiais:</b>			<b>Nº de alunos:</b>
<b>Objetivos da aula:</b>			

		MB	B	Su f	Insu f
<b>Plano de Aula</b>	Coerência com a UD				
	Especificação				
	Correção das estratégias de ensino				
	Clareza				
<b>Instrução</b>	<b>Informação Inicial</b>				
	<b>Condução da aula</b>				
	<b>Qualidade dos FB's</b>				
	<b>Conclusão da aula</b>				
<b>Gestão</b>	<b>Gestão do tempo</b>				
	<b>Gestão dos espaços</b>				
	<b>Organização /Transição</b>				
<b>Clima / Disciplina</b>	<b>Controlo</b>				
	<b>Comunicação</b>				
<b>Decisões de ajustamento</b>					
<b>Observações:</b>					



### Anexo III – Questionário Sociométrico

Nome: \_\_\_\_\_

Nº: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

O teste que seguidamente irás responder, tem como único objectivo conhecer os colegas de que mais gostas, tendo em vista, por um lado, compreender um pouco melhor os comportamentos da turma em geral, e por outro lado, a organização de futuros trabalhos de grupo. Por isso, peço-te que respondas com a máxima sinceridade, garantindo-te desde já que os resultados não serão divulgados a nenhum dos teus colegas. **Da sinceridade das tuas respostas dependerá a eficácia e qualidade do futuro trabalho.** As **tuas respostas serão confidenciais** e servirão como base para a realização de um estudo acerca de relações interpessoais entre grupos sociais.

(Escreve o 1º e último nome do colega caso existam mais alunos com o mesmo nome próprio).

**1-** A turma vai à praia de automóvel. Quem gostarias que fosse no carro contigo? (três colegas).

---

**2-** Três colegas com quem não gostarias de ir.

---

**3-** Três colegas que achas que te convidariam para ires com eles.

---

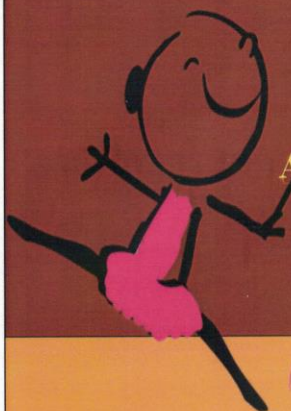
**4-** Três colegas que achas que não te convidariam para ires com eles.

---

OBRIGADO! ☺

## **Anexo IV – Certificados**

CICLO DE CONFERÊNCIAS DE DIDÁTICA  
DA  
EDUCAÇÃO FÍSICA



A GINÁSTICA COMO MATÉRIA DE ENSINO

25 de setembro de 2015

CERTIFICADO

Certifica-se que Pedro Chaves esteve presente

na conferência com o tema: A Ginástica Como Matéria de Ensino.

Coimbra, 25 de setembro de 2015

A Coordenadora do MEEFEBS

(Prof. Doutora Elsa Ribeiro da Silva)

O Diretor da FCDEF

(Prof. Doutor António José Figueiredo)



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

# CICLO DE CONFERÊNCIAS DE DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

## A DANÇA COMO MATÉRIA DE ENSINO

27 novembro de 2015



### CERTIFICADO

Certifica-se que Pedro Cheves esteve presente  
na conferência com o tema: **A Dança Como Matéria de Ensino.**

Coimbra, 27 novembro de 2015

A Coordenadora do MEEFEBS

(Prof. Doutora Elsa Ribeiro da Silva)

O Diretor da FCDEF

(Prof. Doutor António José Figueiredo)



FACULDADE DE CIÊNCIAS  
DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA



CICLO DE CONFERÊNCIAS DE DIDÁTICA  
DA  
EDUCAÇÃO FÍSICA

O BADMÍNTON COMO MATÉRIA DE ENSINO

23 de outubro de 2015

CERTIFICADO

Certifica-se que Pedro Alves esteve presente  
na conferência com o tema: **O Badmínton Como Matéria de Ensino.**

Coimbra, 23 de outubro de 2015

A Coordenadora do MEEFEBS

(Prof.<sup>a</sup> Doutora Elsa Ribeiro da Silva)

O Diretor da FCDEF

(Prof. Doutor António José Figueiredo)



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA



# Oficina de ideias



## Certificado de participação



Certifica-se que Pedro CHAVES participou na *Oficina de Ideias em Educação Física*, realizado no dia 08 de abril de 2016, na Escola Secundária de Avelar Brotero - Coimbra.

A organização reconhece que a sua participação contribuiu para elevar a qualidade do evento através da partilha de experiências, valorizando a sua capacidade de cooperação e reflexão no processo de formação.

A DIREÇÃO,



# em Educação Física

## II JORNADAS CIENTÍFICO-PEDAGÓGICAS DE ENCERRAMENTO DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário



### II JORNADAS SOLIDÁRIAS

Uma ação pró-respeito

Certifica-se que Pedro Chaves participou nas II Jornadas (Solidárias) Científico-Pedagógicas de encerramento do Estágio Pedagógico em Educação Física.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Coimbra, 01 abril de 2016

A Coordenação do MEEFERS

(Profª Doutora Elsa Ribeiro da Silva)

# Certificado de Participação

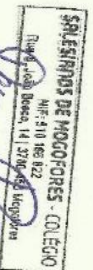


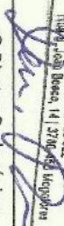
Certifica-se que \_\_\_\_\_ participou na “**Formação de Tag Rugby e Basquetebol**”, ministrada pelo Prof. Rui Luzio e pelo Prof. João Costeira, em parceria com o Núcleo de Educação Física do Colégio Salesianos de Mogofores, que decorreu no dia 22 de Janeiro de 2016. (4 horas de formação)

Programa: 13H – 15H  
Formação Teórica

15H – 17H  
Formação Prática

17H  
Encerramento e  
Entrega dos Certificados



  
O Diretor Pedagógico  
Professor Dário Tavares

